

COMISSÃO DA VERDADE

PRESIDENTE

DEPUTADO ADRIANO DIOGO – PT

20/03/2014

COMISSÃO DA VERDADE**BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.****20/03/2014**

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – A 119ª audiência pública, 20 de março de 2014, Auditório Teotônio Vilela.

Está instalada a 119ª audiência pública da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva no dia 20 de março, às 15 horas no Auditório Teotônio Vilela para a oitiva de depoimentos dos casos Gastone Lúcia de Carvalho Beltrão, Yoshitane Fujimori.

A SRA. SUZANA LISBOA - E Edson Quaresma.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – E Edson Quaresma. Vamos começar por qual? Pelo Fujimori?

A SRA. SUZANA LISBOA – Fujimori e o Quaresma.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Fujimori e o Quaresma juntos e depois a Gastone. Com a palavra Suzana Lisboa.

A SRA. SUZANA LISBOA - Yoshitane Fujimori e o Edson Neves Quaresma foram militantes da Vanguarda Popular Revolucionária. Os dois, segundo a versão

oficial, foram mortos no dia 05 de dezembro de 1970 na Praça Santa Rita de Cássia aqui em São Paulo.

O Fujimori foi técnico em telefonia, ele é nascido em Mirandópolis em 19 de maio de 1944 e o Quaresma foi sargento da Marinha e expulso com a golpe militar de 1964.

A solicitação de necropsia foi feita pelo delegado Alcides Cintra Bueno Filho, mais uma vez, e o laudo assinado pelos legistas Harry Shibata e Armando Canger Rodrigues que confirmaram terem sido mortos em tiroteio.

Os dois foram enterrados no Cemitério Vila Formosa como indigentes, o corpo não foi entregue à família. Segundo as informações que nós tínhamos, antes da Lei 9.140, eles estariam passando pela Praça Santa Rita de Cássia quando foram reconhecidos por uma patrulha do DOI-CODI de São Paulo que teria passado a persegui-los.

A patrulha teria metralhado o carro ferindo os dois. O Edson teria tentado correr sendo alcançado pelos policiais e assassinado com crueldade. Um dos agentes teria segurado um dos braços e o outro policial segurado o outro braço e teria pisado violentamente em sua garganta e acabou sendo assassinado com um tiro na cabeça.

Fujimori foi sepultado no Cemitério da Vila Formosa com o nome de Celso Silva Alves, não esse é o Edson Neves Quaresma, que foi sepultado com o nome de Celso Silva Alves, eu que estou fazendo alguma confusão aqui.

Os fatos foram coletados à época por dois militantes do Movimento Revolucionário Tiradentes, à época da morte, o Dimas Antônio Casemiro que morreu em 1971 e o Ivan Akselrud de Seixas que infelizmente não está aqui e eu vou ler o depoimento dele.

Eu anexo aqui o depoimento que foi feito para o Ivan a meu pedido que na época fui relatora dos processos dos dois militantes na Comissão Especial dos Mortos e Desaparecidos Políticos. Então o depoimento do Ivan é o seguinte:

“Eu, Ivan Akselrud de Seixas, jornalista com registro profissional, tenho a testemunhar o que segue sobre as circunstâncias das mortes dos militantes Yoshitane Fujimori e Edson Neves Quaresma.

Conheci Fujimori e Quaresma no segundo semestre do ano de 1970 quando militava no Movimento Revolucionário Tiradentes. Esses dois companheiros eram militantes da Vanguarda Popular Revolucionária sendo que Fujimori era dirigente dessa organização e Quaresma era militante recém-chegado de Cuba.

Militei com os dois na Frente Revolucionária que se formou para combater a ditadura militar e convivi bem de perto com suas trajetórias de vida e militância até suas mortes.

Na militância diária que tivemos pude constatar o patriotismo e o sentimento de solidariedade e lealdade desses dois jovens revolucionários. Por causa disso o respeito que ainda tinha pelo nissei Fujimori nascido no interior paulista e pelo marinheiro nordestino Quaresma, deu lugar ao espanto quando soube de suas mortes na segunda-feira, 07 de dezembro de 1970, pela manhã.

Os jornais e rádios anunciavam suas mortes como sendo em combate com força de repressão política na Praça Santa Rita de Cássia na zona sul de São Paulo, mas como sempre tínhamos a suspeita de que mais uma vez a ditadura mentia para encobrir assassinatos covardes.

Como era de hábito das organizações de esquerda na época, o comandante da minha organização, Devanir José de Carvalho encarregou-me de ir junto com Dimas Antônio Casemiro até o local das mortes para tentar saber a verdade dos fatos.

Chegamos à Praça e começamos a indagar da população como se fôssemos irmãos dos mortos e começamos a descobrir a verdade de uma cena brutal. Condoídos por nossa dor de irmãos, as pessoas começaram a contar o que presenciaram alguns dias antes.

Um motorista de taxi com ponto no local deu o depoimento mais completo e contou que viu a perseguição dos militantes do começo até o fim. Segundo ele, viu uma perua C-14 usada por policias de repressão política tentando interceptar um Volkswagen com duas pessoas em seu interior.

A seguir começaram a metralhar o pequeno carro que teve o motor atingido pelos disparos e parou. Do seu interior saíram um nissei e um nordestino que tentavam sacar as armas presas nos cintos. Correram alguns metros e tombaram feridos sem poder sacar as armas. As rajadas de metralhadora teriam atingido duas senhoras do outro lado da Praça.

O nissei, Fujimori, caiu no meio da praça e o nordestino, Quaresma, caiu em uma rua de acesso e foi conduzido até junto de seu companheiro caminhando com muita dificuldade e sangrando muito, praticamente carregado por dois policiais.

Foi jogado ao solo e ficou ali durante o período em que os perseguidores se comunicavam por rádio com sua base e que a testemunha acreditava ser a delegacia mais próxima. Para espanto da pequena multidão que se formou ao redor da cena, o homem que falava ao rádio gritou algo para os que montavam guarda junto aos presos e se seguiu uma rápida cena macabra.

Dois desses policiais seguraram Quaresma pelas mãos, cada um deles colocou um pé no pescoço do militante e puxaram seus braços com muita força. A violenta cena se completou com estalo surdo seguido de ronco gutural quando os pés foram retirados da garganta do preso.

Um dos agentes da repressão teria gritado para o homem que falava ao rádio, 'esse já está morto'. Ato contínuo colocaram o corpo no porta-malas da C-14 e a seguir colocaram o corpo do nissei que sangrava muito e respirava com dificuldade.

O carro dos militantes foi deixado no local e as duas peruas C-14 dos policiais saíram em alta velocidade deixando todas as testemunhas atônitas na Praça. Uma senhora, moradora do lugar, nos disse que horas mais tarde uma viatura da polícia técnica compareceu ao local, fotografou o carro perfurado de balas e se foi. Algumas horas depois quando já anoitecia, um guincho da polícia rebocou o carro.

A Frente Revolucionária que recebia informações de dentro dos órgãos de repressão conseguiu apurar que Fujimori foi levado com vida para a Operação Bandeirantes, centro de tortura do II Exército e lá permaneceu algumas horas sangrando até a morte.

Antes de morrer teria escrito na parede da cela forte: 'Fujimori esteve preso aqui. Viva a revolução - VPR'.

Pude confirmar essa informação quando fui preso em 16 de abril de 1971. Dias depois de minha prisão um torturador conhecido como Oberdan ou Zé Bonitinho, me aplicava choques elétricos junto com outro torturador conhecido como JC e depois identificado como sendo Dirceu Gravina, delegado de polícia da cidade de Andradina no interior de São Paulo.

JC gritava tentando aumentar o clima de terror que me impunham enquanto Oberdan fazia o papel de bonzinho e conversava comigo tentando me convencer a colaborar. Durante uma dessas conversas Oberdan me disse; 'Aqui a gente pode tudo. O "Japa", apelido de Fujimori, caiu ferido e nós deixamos ele sangrando durante horas até morrer.'

O torturador JC gritou a seguir: 'Só não foi pendurado, torturado no pau-de-arara porque não podia falar nada, só roncava.' Oberdan completou; 'Mandamos publicar nos jornais que ele tinha morrido em troca de tiros.'

O general Carlos Alberto Brilhante Ustra, na época major e comandante daquele centro de torturas e assassinatos, escreveu em seu livro 'Rompendo o Silêncio', que Fujimori e Quaresma foram localizados pelas placas de seu carro e perseguidos e mortos na Praça Santa Rita de Cássia em São Paulo confirmando em parte o testemunho do motorista de taxi."

Antes de obter mais (esse é o depoimento do Ivan). Antes de ter tais informações, eu tinha enviado ao perito Celso Nenevê o processo do Fujimori já que o do Quaresma nós não temos fotos. Eu vou ler a conclusão do laudo do Celso Nenevê porque o laudo é muito técnico e é extremamente longo e eu vou ler a conclusão que ele chega.

Diante das trajetórias e do quadro de lesões, ele infere a princípio duas situações possíveis. "Um, que o Yoshitane Fujimori encontrava-se em nível superior ao dos seus oponentes quando recebeu os disparos, o que é muito improvável porque para isso teríamos que admitir que dada acentuada inclinação dos tiros, necessariamente haveria uma grande proximidade entre ele e seus oponentes salientando-se que não foi

verificado no laudo, nem na foto nenhum dos vestígios característicos de disparo a curta distância. Que os disparos não foram suficientes para derrubá-lo ou deslocar significativamente sua cabeça, o que se acontecesse modificaria as trajetórias descritas, mesmo sabendo-se que pelo menos um dos disparos fora efetuado por arma de fogo de alto poder energético, e ainda a diferença de angulação que o conjunto desses disparos apresenta para uma mesma região eleita, face direita, sendo um deles da esquerda para a direita e os outros dois praticamente retilíneos”.

Deixa ver se eu consigo mostrar a foto enquanto eu estou falando, né?

“Sendo muito improvável encontrarmos pelo menos dois atiradores próximos em posição superior à da vítima, disparando em uma única região a sua condição necessária para formar o quadro de lesões que ele apresenta na face direita.

Esse conjunto permite desconsiderar essa hipótese, restando como viável que Yoshitane Fujimori encontrava-se caído deitado com seus oponentes posicionados aquém dele, ou seja, mais próximos aos seus pés do que da cabeça no momento desses disparos.

Nesta posição não só justificaria as semelhanças das inclinações verificadas e a região eleita como também justificaria as escoriações de arraste localizadas na sua face esquerda e na região frontal, além de ser compatível à posição de semiflexão dos membros já relatada.

Comparando-se o quantitativo de oito lesões de entrada, ou seja, duas na região occipital, quatro na face direita, uma na mão direita e a outra na linha interglútea e consequentes quatro lesões de saídas localizadas na face direita frontal, parietal direita e mão direita, era de se esperar o achado de pelo menos três projéteis no corpo, uma vez que pode-se admitir a saída de mais de um projétil na lesão da região parietal, porém no laudo só é descrito o achado de apenas um projétil.

Discussão e conclusão; assim em face do exposto e analisado, concluiu o perito que: pelo menos um dos projéteis que entrou na região occipital apresentou a lesão de saída na região parietal direita e considerando as peculiaridades, formatos, as fraturas radiais, de diâmetro da lesão de saída e dano interno, esse conjunto permite inferir tratar-se de um fuzil de alta energia, arma utilizada para efetuar esse disparo.

E considerando ainda o esfacelamento do tecido cerebral é de se esperar que a partir desses disparos a vítima não apresentaria mais coordenação motora, nem ao menos condições físicas de reação ou de fuga.

Dois, que pelo menos três das quatro lesões produzidas por entrada de projétil de arma de fogo que Yoshitane Fujimori apresentava na face direita foram produzidas com seu corpo em posição inferior ao de seus oponentes, caído, deitado conforme anteriormente exposto, sendo que as escoriações de arraste que ele apresentava na região frontal da face esquerda, muito provavelmente foram produzidas quando se encontrava deitado.

O quantitativo descrito no laudo de projéteis arrecadados não corresponde à diferença entre o número de lesões, oito e o número de lesões de saída, quatro. Não correspondendo também ao quantitativo descrito no documento que relata terem sido coletados dois projéteis, o que leva a uma condição de dúvida quanto ao número e intensidade de ferimentos que, por conseguinte do laudo e do documento acima citado.”

O Edson Neves Quaresma, eu me esqueci de comentar antes que eu acho que ele não estava na lista ainda dos 147, 137 casos que é daqui da Comissão de São Paulo?

A SRA. AMELINHA TELES – São 164.

A SRA. SUZANA LISBOA – Eu não sei se o Edson Quaresma estava nessa lista ou não.

A SRA. AMELINHA TELES – Eu acho que está nessa lista sim, 164.

A SRA. SUZANA LISBOA – Porque eu não tinha visto o nome dele em uma listagem que eu recebi dos casos que faltavam analisar. Bom, as informações do Ivan, as afirmações do Ivan de que obedecem, esclarecem as perguntas que foram feitas pelo próprio legista, no laudo são mais de uma dúzia de páginas e por isso que eu não quis

ler tudo. Entre a hora dita do óbito, 12h, e a entrada no IML é aonde eles chegaram sangrando até morrer. O corpo do Edson somente deu entrada no IML às 16h e ele que é enterrado com nome falso.

Aí são opiniões absolutamente minhas, que eu tenho a esse respeito. O Edson Quaresma, ele foi um conhecido militante revolucionário, ele foi caçado em 1964, ele era marinheiro e foi procurado desde então.

Ele foi companheiro do famigerado cabo Anselmo. Ele foi o contato mais permanente de Anselmo, ele voltou de Cuba antes de Anselmo para criar as condições para a volta dele. Ocultar a morte dele, enterrá-lo com nome falso enfim, da forma como foi feito, era uma questão fundamental para o prosseguimento do trabalho de infiltração do cabo Anselmo e matar o Fujimori também era eliminar um dos empecilhos para que o cabo pudesse mais facilmente chegar à direção e ao controle da VPR.

Como tantos outros casos, entendeu? Esse quer dizer que as pessoas não morreram no tal tiroteio, nas circunstâncias como foram ditas. O documento referente ao Quaresma diz que fotografaram o corpo de frente, de perfil bem como tirar cinco jogos de suas impressões digitais, essas fotos não apareceram. O laudo de necropsia dele afirma que ele recebeu cinco tiros, quatro na cabeça e um pelas costas, mas esse último não foi fatal, muito provavelmente foi o que acabou imobilizando-o.

Se a gente tivesse as fotos para exame, talvez pudesse ver que tenha sido à queima-roupa porque quatro tiros na cabeça fica mais difícil. Deixa ver se eu tenho mais alguma coisa a dizer.

Como a data posterior, a data teoricamente de trabalho do cabo Anselmo é posterior a isso, é 1971 e muitas das pessoas, acho que inclusive essa é a opinião do próprio Ivan e nessa época ele não estaria ainda atuando.

Mas a minha opinião é de que ele atuava sim e o Quaresma cai em função disso. Ele nas próprias declarações que ele presta, que ficaram nos arquivos, algumas coisas que a gente viu, ele mesmo diz que ele estava em contato com o Quaresma.

Eu até separei na época que eu fiz isso trechos dos trechos que o Anselmo se referia ao Quaresma, que ele diz que em junho ou julho de 1970 vieram José Maria e Quaresma. José Maria é o José Maria Ferreira de Araújo que também era um marinheiro

e inicialmente ele constou nos nossos registros com o nome de Edson Cabral Sardinha que foi o nome pelo qual ele foi enterrado e o corpo dele estaria em Vila Formosa, mas ele é um dos desaparecidos políticos.

Então o Anselmo diz isso: “Em junho ou julho de 1970 vieram José Maria e Quaresma. Deviam preparar as condições para receber-nos. Em setembro deveríamos vir eu e Evaldo”. Evaldo Ferreira de Souza, se eu não me engano e se não estou errando o nome dele, ele morre no massacre da Chácara São Bento em janeiro de 1973 lá em Recife que ficou conhecido como “O massacre da Chácara São Bento”. O Evaldo era outro dos marinheiros do grupo do Anselmo. Eu posso estar errando o sobrenome dele.

Bom, “Em setembro deveríamos vir eu e Evaldo”, eu o Anselmo, não é? “Mas Evaldo ficou retido por um ato indisciplinar que desconheço qual seja. Fui enviado sozinho e trazia uma mensagem cifrada de apresentação para Carlos Lamarca e ele deveria dar-me tarefas para desempenhar e explicar o funcionamento da organização e etc.

Cada dia 15 às 15h e dia 20 às 20h, Quaresma estaria me esperando na frente do cinema Metro. Cheguei ao Brasil no dia 15 de setembro de 1970. No dia 15 de outubro encontrei Quaresma, que me disse que não havia nenhum aparelho e nenhum apoio.

Nesse tempo creio que em meados de novembro recebi de Quaresma, com quem me encontrava uma vez por semana, o aviso de que deveria seguir viagem para avistar-me com Lamarca. Às 5h da manhã encontrei-me com Quaresma na Rua Domingos de Moraes em frente ao Cine San Remo e fomos para o Jabaquara onde nos encontramos com Fujimori”.

Em outro documento ele diz isso também. “Fiquei em contato uma vez por semana com o Quaresma, passei a datilografar com uma máquina que foi dada por Quaresma e que deve estar no escritório de Ivan”, que é o Edgard de Aquino Duarte; “uma semi-portátil sem rampa, o relatório sobre Cuba. Corria o mês de novembro quando se deu a morte de Toledo da ALN, Joaquim Câmara Ferreira”.

Ele erra o mês porque o Câmara morreu em outubro, 23 de outubro.

“Corria o mês de novembro quando se deu a morte de Toledo da ALN e pelos documentos publicados soubemos que o Palhano estava chegando. Efetivamente

Quaresma recebeu e fez-me contatar-me com ele em fins de novembro". O Aluísio Palhano, desaparecido político.

"Em outro depoimento, este datado de 04 de junho de 1971, o Anselmo reafirma que chegou ao Brasil em 15 de setembro de 1970 tendo desembarcado no aeroporto de Campinas, que foi para São Pedro da Aldeia tendo em vista que somente no dia 30 de setembro teria ponto com Quaresma em São Paulo.

Que no dia 15 de outubro de 1970 retornou a São Paulo quando encontrou Quaresma e Quaresma apresentou ao Yoshitane Fujimori, que em São Paulo ficou em contato com Quaresma e após a chegada de Palhano também com este."

Em uma matéria que teve na revista "Isto É", o repórter pergunta para ele se ele seria responsável pela morte e ele diz que não, que não é verdade, que ele teve o contato com Fujimori e com o Quaresma, mais com o Quaresma, mas que ele por ler nos jornais ele imaginava que deve ter sido a equipe do Dr. Fleury, que tenha sido responsável pela morte deles.

Enfim, essas são as circunstâncias da morte do Yoshitane Fujimori e do Edson Neves Quaresma. Não sei se fica alguma pergunta?

A SRA. AMELINHA TELES – Suzana, só para esclarecer, o militante de Pernambuco que é assassinado no evento que ficou conhecido como "Chacina de São Bento" é Evaldo Luiz Ferreira de Souza. O Evaldo era marinheiro também, tinha sido marinheiro e era muito conhecido do cabo Anselmo.

A SRA. SUZANA LISBOA – Então, eu não sei que nome eu disse antes, mas é esse. Eu falei Evaldo, mas eu não sei o sobrenome que eu coloquei.

A SRA. AMELINHA TELES – Mas é esse mesmo.

A SRA. SUZANA LISBOA – Deixa eu ver se tem mais alguma coisa aqui no depoimento, no do Fujimori que a gente possa colocar. O processo era igual, o relatório é o mesmo.

A SRA. AMELINHA TELES – O Fujimori não foi... não teve um sepultamento assim, foi enterrado em uma área clandestina da Vila Formosa. Houve uma modificação ali nas quadras do cemitério e enfim, ele é um desaparecido político, nunca nós tivemos o corpo do Fujimori.

A SRA. SUZANA LISBOA – Era isso que eu tinha sobre os dois casos. O deputado tem alguma pergunta? Não tem nada a acrescentar Amelinha, do dossiê?

A SRA. AMELINHA TELES – Não, o que você coloca na história dos dois está aqui, no dossiê acho que não tem nada a acrescentar.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – (Inaudível).

A SRA. AMELINHA TELES – Não, se o Fujimori, quem assim, quem teria a acrescentar é aquele, um que foi militante da VPR que de vez em quando ele vem aqui e vai ao DOI-CODI, Emilio, Emídio, não? Aquele que é amigo do *ininteligível*, que chora toda vez que vê você. É Emídio, como é que é?

A SRA. SUZANA LISBOA – *Ininteligível*.

A SRA. AMELINHA TELES – É esse. Esse ele era da VPR e quando ele é preso, isso ele conta inclusive nas vezes que ele vai lá ao antigo prédio da OBAN, ele

coloca isso, que ele foi preso justamente naqueles dias alí, os primeiros dias de dezembro de 1970 e que houve uma festa muito grande de todos aqueles torturadores, aqueles militares que se encontravam lá porque tinham matado o Fujimori, ele fala isso.

Ele, eu acho que era interessante, ele poderia acrescentar alguma coisa em relação, ele eu acho que nem chegou a ver o corpo do Fujimori, mas ele disse que eles gritavam e faziam a festa, a noite inteira eles fizeram a festa. Então é isso.

A SRA. SUZANA LISBOA – Pelo próprio depoimento do Ivan, a perícia esteve lá no local, fotografou o carro, então é mais uma das perícias a serem, que nós precisamos solicitar ao Instituto de Perícia que nos dê o laudo e, não é o laudo, como é que a Criméia diz? É o.

A SRA. AMELINHA TELES – Não é o laudo de perícia local? O laudo de perícia local.

A SRA. SUZANA LISBOA – Que eles fizeram nessa situação. E o Ivan talvez algum dia retome essa discussão em função das afirmações que eu fiz e que são absolutamente pessoais mesmo, é minha impressão sobre a atuação do Anselmo de que ele era infiltrado desde o período em que ele foi agente da Marinha.

A SRA. AMELINHA TELES – Olha Suzana, muita gente e como eu sou desde o golpe, desde 1964, desde essa época o pessoal fala que ele era agente da CIA inclusive, o cabo Anselmo. Mas como havia dúvida em relação à esquerda, ele ficou em dúvida, ele ficou liberado digamos assim, para ser um militante político da esquerda porque existia dúvida. Mas já se comentava no Brasil, em vários lugares que o cabo Anselmo era da polícia.

A SRA. SUZANA LISBOA – Gastone Lúcia de Carvalho Beltrão. Gastone nasceu no dia 14 de janeiro de 1950 em Coruripe, Alagoas. Filha de João Beltrão de Castro e Zoraide de Carvalho Beltrão. Militante da Ação Libertadora Nacional, foi morta no dia 22 de janeiro de 1972.

Eu vou ler o que a família, o que a Zoraide e o Tomás que é o irmão e eu acho que outra Moacyra é irmã testemunharam à Comissão Especial.

“Aos 22 anos de idade Gastone Lúcia de Carvalho Beltrão foi sumariamente metralhada pela polícia política no dia 22 de janeiro de 1972 na Avenida Lins de Vasconcelos, Cambuci, São Paulo em condições ainda não totalmente esclarecidas.

A partir daí começa uma luta contra o tempo por parte da família para buscar as causas e o que teria levado a esse final para Gastone Beltrão. Nordestina de Coruripe-Alagoas, aluna brilhante, militante preocupada com as diferenças sociais no Brasil e uma sensibilidade ímpar.

Quando adolescente Gastone Beltrão costumava fazer pequenas ações de ajuda humanitária. Praticamente todos os finais de semana ela visitava os presos e levava comida e roupas, diz Zoraide Carvalho Beltrão, mãe de Gastone.

Sua irmã Moacyra apenas um ano mais velha recorda do tempo em que conviveu com Gastone na escola, com os amigos. Gastone sempre que estava com Moacyra procurava fazer ver a irmã que os pobres não eram pobres porque queriam e sim por um sistema cruel e desigual.

Eu não entendia direito tudo o que ela falava, por isso mesmo Gastone sempre me preservou de seus contatos políticos. Toda vez que Gastone e Moacyra iam a Recife, Moacyra tinha que ficar em algum ponto distante dos contatos políticos da irmã, ela me protegia de tudo.

Gastone militava na Ação Libertadora Nacional, segundo relato de seus companheiros realizou um curso de guerrilha urbana na Europa e em Cuba, tudo em nome da liberdade. Uma das passagens de sua vida que mais chama a atenção, quem conta é seu irmão Tomás Beltrão, nove anos mais jovem que ela.

Quando vinha a Maceió Gastone viveu indo e vindo do Rio de Janeiro, cidade onde morava com seus avós paternos, ela fazia a seguinte proposta para Tomás: se ele soltasse seus passarinhos de estimação, Gastone o retribuía com dinheiro, ela dizia que mesmo os animais mereciam a liberdade, recorda Tomás.

Outra passagem de Tomás com Gastone foi no jardim zoológico do Rio de Janeiro, Tomás em seu primeiro dia de Rio de Janeiro começou a querer conhecer o zoológico, apenas Gastone se prontificou a levá-lo. Como toda criança eu gostava de guloseimas e comecei a pedir que Gastone comprasse para mim, resultado, gastamos todo o dinheiro e tivemos que voltar a pé para casa.

Gastone estudou nos colégios Imaculada Conceição e Moreira e Silva em Maceió, mas concluiu o segundo grau no Rio de Janeiro. Voltou para Maceió em 1968 onde prestou vestibular para o curso de Economia na Universidade Federal de Alagoas obtendo o terceiro lugar.

Daí em diante passou a exercer mais fortemente sua militância política contra a ditadura e acabou passando para a clandestinidade. De vez em quando chegava alguma notícia de Gastone através de cartões postais, cartas e informações pessoais.

Era uma época difícil e turbulenta, tudo era suspeito e perigoso. No início de 1972 chegou a notícia de que tinha acontecido alguma coisa com Gastone Beltrão. Imediatamente a família procurou através dos amigos informações mais concreta.

Um professor do curso de História da Universidade Federal de Alagoas procurou Moacyra afirmando que umas freiras teriam mandado uma carta e que ele deveria procurar a família de Gastone, pois havia indícios de que ela poderia estar morta em São Paulo.

O meu primeiro pensamento foi de que havia algum erro já que não tínhamos notícia da volta dela para o Brasil, diz Moacyra. A notícia era verdadeira, dona Zoraide Beltrão viaja para São Paulo para procurar maiores informações e visita o DOPS.

Eles me disseram que tinha uma Gastone e que ela já teria morrido há dois meses. No outro dia Zoraide Beltrão consegue falar com o delegado Sérgio Fleury, comandante da ação que terminou com a morte de Gastone.

No primeiro momento ele disse que não conhecia Gastone, depois que fez uma descrição física dela ele lembrou e fez a seguinte declaração: 'Essa moça era muito corajosa e forte, resistiu até a última hora', afirma Zoraide.

Os policiais não permitiram a exumação do corpo pela família, só o acesso aos restos mortais em 1975. Zoraide Beltrão viu apenas um engradado onde estava escrito o nome de Gastone Beltrão.

Em 1975 foi feito o traslado para Maceió onde os restos mortais estão enterrados na tumba da família Beltrão localizada à Rua São Joaquim no Cemitério Nossa Senhora da Piedade. Esses traços da personalidade da vida de Gastone contrastam flagrantemente com a versão oficial de que ela era uma terrorista fria e agressiva.

Na verdade Gastone era uma militante política que amava a liberdade e a justiça social para o seu povo. Em nome disso sacrificou generosamente o melhor da sua juventude, portanto o reconhecimento governamental da culpabilidade do estado brasileiro para com os mortos e desaparecidos é uma obrigação histórica para recuperar a imagem desses revolucionários que deram a sua parcela de contribuição para conquistarmos dias melhores para o país.”

Esse depoimento foi feito pela Zoraide mãe, Moacyra irmã e o Tomás que era o filho menor. Não se sabe até hoje exatamente como é que foi montada essa emboscada que matou a Gastone e que foi feita pela equipe do Fleury.

A SRA. AMELINHA TELES – A Gastone Lúcia de Carvalho Beltrão tinha um companheiro que era o José Pereira, não é isso? Ela foi assassinada em 1972 e ele estava preso no DOPS.

A SRA. SUZANA LISBOA – Não, ele não estava preso, ele se entrega depois da morte dela.

A SRA. AMELINHA TELES – Mas ele estava lá no DOPS em 1973, preso.

A SRA. SUZANA LISBOA – Ela é morta em 1972. Depois da morte dela ele se entrega e aí eu não sei se ele vai vir contar essa história.

A SRA. AMELINHA TELES – Aí ele passa um tempo no DOPS.

A SRA. SUZANA LISBOA – A versão oficial diz que eles foram, que na Rua Heitor Peixoto com a Inglês de Souza, o laudo indica que por volta das 11h e outros documentos falam que foi às 14h30, que teria tido um violento tiroteio e existe uma perícia de local que é feita no lugar e diversos prédios em volta do local onde ela teria sido morta são atingidos.

Inicialmente eles não informam a morte dela, um artigo que sai no jornal diz que “pistoleira fere e morre em duelo com policiais”, então:

“No ponto do ônibus, ao lado do assaltante João Ferreira da Silva”, diz uma das notas, “Tinha um perigoso marginal procurado e estava a jovem loira. Os três policiais da ronda se aproximaram para a captura quando foram surpreendidos pela mulher que sacou o revólver da bolsa e abriu fogo. Dois policiais caíram baleados e o terceiro continuava a perseguição, pois seu comparsa desapareceu.

Mais adiante na avenida o agente alcançou a pistoleira que novamente resistiu à bala na eminência de prisão. Atingida por disparos dos policiais ela faleceu a caminho do hospital.

Na escapada ela deixou cair a bolsa com documentos que foi apanhada na rua pelo transeunte Adalberto Nadur. Este a entregou ao agente que estava no encalço da pistoleira. O policial embarcou em um taxi para localizar a mulher, mas esqueceu a bolsa no veículo. Um apelo por rádio foi feito ao motorista para que entregue a bolsa na delegacia mais próxima, pois somente com a devolução a polícia poderá identificar a morta”.

Essa é uma história digna de uma historinha policial de quadrinhos porque ela é absolutamente fantástica e o laudo de perícia diz, esse laudo foi um dos que nós

localizamos nos arquivos da polícia técnica, nós da Comissão de Familiares em 1991 e depois nós nunca mais conseguimos ir lá e diz o seguinte:

“Às 17h de 22 de janeiro de 1972 este instituto recebeu do delegado de polícia de plantão no sexto distrito policial, o delegado Jácomo José Orselli um comunicado por telefone e posteriormente confirmado pela requisição de exame 4272 na qual solicitava exame pericial em prédios da Rua Inglês de Souza, da Rua Basílio da Cunha em veículo e em cadáver até então desconhecidos.

Consta da requisição de exame datada de 22 de janeiro de 1972 que por volta das 14h40 daquele mesmo dia desconhecidos haviam travado um violento tiroteio por razões a serem apuradas nas vias públicas, Rua Inglês de Souza e Rua Basílio da Cunha resultando deste entrevero ferimentos e mortes às pessoas até então não identificadas.

O cadáver relacionado com a ocorrência fora encaminhado para o IML. O piso do bar parte posterior do balcão frigorífico em perfeita correspondência com essas últimas perfurações constatou-se existência de cacos de vidros, manchas, pingos e respingos de material hematóide o qual veio a ser objeto de exame.

Foi feito o exame externo do cadáver em uma das salas de necropsia no Instituto Médico Legal. Trata-se de um cadáver de uma mulher de tez branca até então não identificado. Seu indumento apresentava-se, por ocasião dos exames periciais, em desalinho e com vestígios de violência.

Constatou-se naquelas vestes a existência de inúmeras perfurações e no cadáver ferimentos de natureza perfuro-contusa em diversas regiões os quais apresentavam serem sidos produzidos por projéteis de arma de fogo em disparos efetuados a distância.

As roupas e objetos encontrados em poder de Gastone foram entregues após o exame ao delegado Fleury”.

O laudo de necropsia que foi feito no Instituto Médico Legal já foi apontado como sendo da Gastone e descreve 13 ferimentos com as características produzidas pela entrada de projétil de arma de fogo e na região temporal esquerda, na região nasal esquerda, no ombro direito, região mamária direita, região inframamária direita. Eu não vou ler tudo porque é muito difícil de ler.

O corpo da Gastone, ela tinha 1m50 e não tem uma parte do corpo dela que não tenha sido alvejado. Ela levou mais de 30 tiros e além dos tiros ela teve outros cortes que eu não sei do que foram provocados.

Ela teve fratura no punho esquerdo, então com isso ela já não pode mais ter reagido. Ela estava sozinha então todas essas outras histórias são absolutamente fantasiosas, ela foi deixada ali em um ponto de ônibus e a partir dali não se sabe o que realmente aconteceu.

Não se sabe pelos horários até porque pela requisição de exame diz uma coisa e o instituto de perícia técnica levou quase três horas para ser chamado. O corpo não foi deixado no local para a chegada da perícia técnica apesar de eles terem perícia.

Ela tinha os pulsos e o braço quebrado, então com reações vitais e sem marcas ou descrições no laudo e porque que... nesse lugar onde teria ocorrido a morte, se é dentro desse bar, com essa violência e com essa quantidade de tiros, havia apenas pingos e respingos de sangue.

Não se sabe se ela foi, se essa quantidade de tiros que ela levou foi ali mesmo, se foi retirada dali e ela foi alvejada em algum outro lugar, não tem descrição de ferimento a curta distância que são evidentes na região frontal, nem as equimoses que ela tem no corpo, no punho.

Tem um ferimento produzido por tangenciamento de projétil de arma de fogo que é esse junto ao seio dela que não se sabe como realmente foi produzido porque não tem sinais de queimadura, mas aparece um ferimento corto-contuso.

Nós não sabemos também nem ao menos a verdadeira data da morte dela, se foi no dia 22 ou entre o dia 22 e o dia 26 também como aparece em alguns documentos. Só se sabe que ela estava viva até às 14h do dia 22 de janeiro de 1972 quando ela foi vista pela última vez nas proximidades do local descrito pela polícia. Onde e como ela morreu são fatos que nós não conseguimos descobrir. São muito chocantes as fotos do corpo dela.

A SRA. AMELINHA TELES – De acordo com a data oficial teria sido em 22 de janeiro de 1972, da morte e o jornal “O Globo” deu a notícia no dia 25 de janeiro, mas uma notícia, 25 de janeiro de 1972, mas uma notícia estranha porque eles não, é como se ela fosse uma pistoleira na rua. A manchete “Pistoleira fere e morre em duelo com policiais”. Não coloca como era de hábito se fosse a linguagem da imprensa na época era “terrorista morta em tiroteio” ou “Terror perde a terrorista Gastone Lúcia”.

Eles dão a impressão que ela seria uma pessoa que tivesse cometido um crime comum.

A SRA. SUZANA LISBOA – Eu queria também ler a conclusão do laudo do Nenevê que eu estou procurando aqui. O laudo, também nesse caso nós fizemos um laudo de perícia que é muito extenso e eu vou ler apenas a discussão e a conclusão das 34 lesões que aparecem no corpo da Gastone.

“Primeiro, o conjunto de vestígios materiais descritos e analisados nos laudos pericial e cadavérico, não permite um estabelecimento de vínculo entre o local ou a vítima, ou seja, que Gastone Lúcia de Carvalho Beltrão teria sido ferida no local escopo do exame pericial.

Tanto o laudo pericial como o cadavérico não oferecem elementos materiais conclusivos ou pelo menos indicativos do tempo de morte, tendo em vista a não descrição dos fenômenos cadavéricos.

Considerando que um, o signatário do laudo cadavérico relativamente ao número de lesões observadas no cadáver descreve 13 ferimentos circulares com as características aquela produzidas por entradas de arma de fogo com os correspondentes orifícios de saída, somente pela análise das fotografias constatou-se 34 lesões presentes nesse mesmo cadáver.

E o perito do local conclui que os ferimentos são de natureza perfuro-contusa em diferentes regiões, os quais aparentavam terem sido produzidos em disparo efetuado a distância, infere o laudo que o quantitativo de 13 lesões de entrada e suas correspondentes saídas totalizariam, segundo o perito médico legista, 26 lesões o que não corresponde ao resultado obtido com análise das fotografias.

Por outro lado as lesões pérfuro-contusas observadas não permitem estabelecer total correlação entre as entradas e saídas, uma vez que o maior número de lesões encontra-se na parte anterior do corpo.

A lesão observada na região frontal, precisamente na glabella, é característica de disparo produzido com a boca do cano da arma encostada na superfície na referida região, o que diverge da assertiva do perito no tocante à distância dos disparos.

Ainda em relação à natureza das lesões, o perito médico legista define genericamente em ferimentos circulares. Já o perito de local excetua aquela lesão localizada na região mamária direita definindo-a como ferimento produzido por tangenciamento de projétil de arma de fogo, o que é contraditório em relação à definição do perito médico legista e por outro improcedente, tendo em vista que as características dessa lesão conforme anteriormente considerada classicamente sugere a ação lesiva de instrumento pérfuro-cortante.

Considerando-se que na requisição de exame ao Instituto Médico Legal do Estado e no relatório do local explicita-se a terminologia 'violento tiroteio' em alusão à circunstância em que a vítima fora ferida e considerando-se que no laudo de exame cadavérico o legista constata fratura de cúbito e rádio esquerdos, ossos do punho esquerdo e do terço superior do úmero direito, entende o perito que tanto o relatório de local quanto o laudo médico legal não estabelecem pormenores que possibilitem compatibilizar as lesões descritas para o cadáver com as circunstâncias em que fora travado o violento tiroteio.

Outrossim, considerando-se que a vítima a partir do momento em que teve os membros superiores inabilitados, muito provavelmente não ofereceria resistência armada. Acrescenta-se ainda que as lesões da região da glabella e da mamária direita indicam a proximidade do oponente quando das suas operações”

Então é um dos laudos de perícia técnica muito completos que a gente tem, apesar de ter sido totalmente desmontado pelo exame do perito Celso Nenevê. Ele diz que não tem vínculo entre o local e a vítima, ou seja, ela não pode ter sido morta no bar mencionado e nem o laudo pericial e nem o cadavérico têm elementos conclusivos quanto à hora da morte dela.

A diferença de lesões, da quantidade de lesões é absurda, são 34 lesões e então esse violento tiroteio com a presença do delegado Fleury, a gente até hoje não pode entender. Não há notícia nos documentos oficiais que comprove que algum policial foi de fato ferido, não aparece nessa perícia de local, não aparece ela armada, quer dizer, as fotos da perícia de local não mostram o corpo dela, só mostra o corpo dela depois despido no Instituto Médico Legal. Infelizmente o Dr. Fleury não está aí para nos responder por essa morte.

A SRA. AMELINHA TELES – Mas eu acho que o que tem aqui nas informações do jornal, primeiro o próprio jornal, “O Globo” quando dá a notícia reconhece que os três nomes dos policiais envolvidos não foram citados. Então não tem o nome dos três policiais envolvidos nesse possível tiroteio.

Por outro lado uma pessoa com o nome de Adalberto Nadur é quem encontrou a bolsa. É uma história fantástica demais, mas ele encontrou a bolsa e entregou para o policial. Aí o policial entrou no taxi e esqueceu a bolsa. É tudo muito fantástico, mas esse a gente devia ver se esse homem ainda existe, se ele existiu, não é?

Eu acho que a Comissão, e cabe à Comissão da Verdade investigar se esse senhor Adalberto Nadur de fato existiu porque ele chegou a ser entrevistado pelo jornal. Vamos dizer que a notícia, como é que é montada a notícia durante a ditadura e geralmente quem monta a notícia é o próprio policial.

Mas saiu no jornal “O Globo”, então é interessante a gente ver se existe o Adalberto Nadur naquele e se houve alguma coisa, porque a história que se publica é uma história tão absurda e tão excepcional porque não se publicava, não se dava notícia das mortes de militantes de esquerda dessa forma.

Ela é uma forma inusitada eu diria, no caso da Gastone. Não sei, acho que a única sugestão que eu teria porque o Fleury não temos condições, o outro que, a Gastone chegou a fazer algum, ela foi a Cuba, porque o cabo Anselmo estava entregando todo mundo, ele estava infiltrado e fazendo um estrago. Ele, eu não sei se tem a ver com o caso dela ou outros, não é? Infiltrados, não sei.

A SRA. SUZANA LISBOA – Acho que não, ela foi deixada em um ponto de ônibus pelo Antônio Carlos Bicalho Lana.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – *Inaudível.*

A SRA. SUZANA LISBOA – A Gastone era da ALN, Ação Libertadora Nacional. Ela fez parte do grupo que fez treinamento em Cuba e que deu origem ao MOLIPO, só que ela fica com a ALN, ela não acompanha o grupo do MOLIPO no racha que é constituído a partir dali e ela volta e tinha acabado de chegar ao Brasil.

A SRA. AMELINHA TELES – Ela volta e é assassinada.

A SRA. SUZANA LISBOA – Ela chega a ficar, não sei, não me lembro mais, um mês.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Você conhecia ela?

A SRA. SUZANA LISBOA – Não, não conheci a Gastone.

(Inaudível)

Eu não sei exatamente, ela deve ter ficado um ano ou alguma coisa assim. Eu sei que ela tinha acabado de voltar. Não, voltar aberta porque não teria, ela caiu sozinha ali. Eu não sei o que aconteceu, não tenho ideia do que possa ter acontecido.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – E a família dela?

A SRA. SUZANA LISBOA – A família dela é de Alagoas.

A SRA. AMELINHA TELES – Maceió.

A SRA. SUZANA LISBOA - Maceió. Não sei se a dona Zoraide é viva ainda, o Tomás com certeza, o irmão dela, a outra irmã eu não conheci, conheci muito o Tomás, irmão dela que foi quem diversas vezes compareceu nas atividades dos familiares.

A SRA. AMELINHA TELES – Você acha que o José Pereira que foi companheiro dela, que se entregou na polícia, você acha que ele pode dar alguma informação a respeito da queda dela, já se levantou essa possibilidade?

A SRA. SUZANA LISBOA – Não, eu tenho a impressão que ele não sabe nada, senão ele teria sido incluído durante todos esses anos nos relatos, ele nunca deu depoimento sobre isso. Pelo menos eu não conheço nenhum depoimento dele.

(Inaudível)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Então vamos encerrando por aqui. Obrigado Suzana. Amanhã vai fazer algum ou não? Encerrou?

A SRA. AMELINHA TELES – Bom, amanhã dia 21 de março não vai haver audiência e às 15h haverá uma reunião com o Conselho Consultivo de preparação do ato

político cultural que vai haver no dia 31 de março às 10h em razão, na Rua Tutóia lá na 36ª delegacia onde funcionou o DOI-CODI do II Exército em função dos 50 anos do golpe.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Está bom, a Sessão está encerrada.

* * *